

O reino dos céus, os ricos e os pobres

Qual a relação que há entre os reino dos céus e os ricos e os pobres? As propostas teológicas do 'evangelho social' e a 'teologia da libertação' são válidas?

O reino dos céus, os ricos e os pobres

“Mas Deus lhe disse: Louco! esta noite te pedirão a tua alma; e o que tens preparado, para quem será?” (Lc 12:20)

Como interpretar a parábola do rico insensato?

“E propôs-lhe uma parábola, dizendo: A herdade de um homem rico tinha produzido com abundância; E ele arrazoava consigo mesmo, dizendo: Que farei? Não tenho onde recolher os meus frutos. E disse: Farei isto: Derrubarei os meus celeiros, e edificarei outros maiores, e ali recolherei todas as minhas novidades e os meus bens; E direi a minha alma: Alma, tens em depósito muitos bens para muitos anos; descansa, come, bebe e folga. Mas Deus lhe disse: Louco! esta noite te pedirão a tua alma; e o que tens preparado, para quem será? Assim é aquele que para si ajunta tesouros, e não é rico para com Deus” (Lc 12:16 -21).

Após a leitura da parábola, podemos perguntar: o evangelho de Cristo é avesso aos ricos? Ser abastado financeiramente e ser salvo é impossível? Para ser um discípulo de Cristo é necessário ser desprovido de bens materiais? Deus não aceita os abastados de bens materiais? Ao homem que faz planos de angariar fortuna com o fito de viver abastado é negado acesso a graça de Deus?

Devido às diversas leituras acerca do tema 'riqueza' versus 'reinos dos céus'

surgiram propostas teológicas como o 'evangelho social' - movimento protestante norte-americano (1880-1930) sob influência do liberalismo teológico que pretendia apresentar uma resposta 'cristã' à situação de miserabilidade dos trabalhadores e imigrantes - e a 'teologia da libertação' - movimento que surgiu na América Latina em meados do século 20, articulado por teólogos católicos e protestantes, que diante das injustiças e exclusão social fomentado por um quadro de grandes tensões políticas, econômicas e sociais, levantaram uma bandeira centrada na ideia de um Deus 'libertador'.

Mas, qual é a proposta de Jesus ao propor a parábola do rico louco? Ele buscava uma transformação econômica e social das sociedades à época, ou uma revolução na mentalidade (metanoia) de seus ouvintes acerca de questões relativas ao reino dos céus?

A parábola

O primeiro passo para compreender a parábola do rico insensato é entender porque Jesus utilizava parábolas para falar ao povo de Israel. A resposta para esta pergunta é objetiva e foi apresentado pelo próprio Cristo: **“Por isso lhes falo por parábolas; porque eles, vendo, não veem; e, ouvindo, não ouvem nem compreendem”** (Mt 13:13 ; Is 6:9).

Ora, Jesus falava à multidão por parábola porque estava previsto que o Messias proporia aos seus ouvintes enigmas antigos **“Abrirei a minha boca numa parábola; falarei enigmas da antiguidade”** (Sl 78:2 ; Mt 13:35). Enquanto Jesus cumpria as Escrituras falando ao povo por parábolas, o povo, por ser de dura servis, viam, ouviam e não compreendiam.

O povo de Israel devia saber que Deus não falava abertamente (sem enigmas) com eles porque foi justamente isto que pediram quando não confiaram em Deus **“E disseram a Moisés: Fala tu conosco, e ouviremos: e não fale Deus conosco, para que não morramos”** (Êx 20:19); **“Filho do homem, propõe um enigma, e profere uma parábola para com a casa de Israel”** (Ez 17:2). Ouvir a voz de Deus sem enigmas era um privilegio de Moisés **“Boca a boca falo com ele, claramente e não por enigmas; pois ele vê a semelhança do SENHOR; por que, pois, não tivestes temor de falar contra o meu servo, contra Moisés?”** (Nm 12:8).

Uma característica fundamental da palavra de Deus são as parábolas e os seus enigmas. O fato de Jesus falar por parábolas era um sinal de que Jesus era o Cristo e que falava as palavras de Deus “Porque eu não tenho falado de mim mesmo; mas o Pai, que me enviou, ele me deu mandamento sobre o que hei de dizer e sobre o que hei de falar” (Jo 12:49).

Como o povo de Israel não prestou atenção na mensagem de Jesus como o enviado de Deus, antes se escandalizaram por pensarem que Ele era filho de José e Maria (Mt 13:54 -57), a profecia de Isaías cumpriu-se neles: “E neles se cumpre a profecia de Isaías, que diz: Ouvindo, ouvireis, mas não compreendereis, e, vendo, vereis, mas não percebereis” (Mt 13:14).

A exposição das parábolas ao povo era segundo a medida que podiam compreender, porém, os enigmas escapavam até mesmo aos discípulos, que em particular eram instruídos “E com muitas parábolas tais lhes dirigia a palavra, segundo o que podiam compreender. E sem parábolas nunca lhes falava; porém, tudo declarava em particular aos seus discípulos” (Mc 4:33 -34); “E disse-lhes: Não percebeis esta parábola? Como, pois, entenderéis todas as parábolas?” (Mc 4:13).

Os filhos de Jacó não ouviam, não compreendiam e não percebiam, não em função de Deus querer turvar-lhes o entendimento, antes não ouviam, não compreendiam e não percebiam porque eram de dura servis, ou seja, não se sujeitavam a Deus para obedecê-Lo “Porque o coração deste povo está endurecido, E ouviram de mau grado com seus ouvidos, E fecharam seus olhos; Para que não vejam com os olhos, E ouçam com os ouvidos, E compreendam com o coração, E se convertam, E eu os cure” (Mt 13:15).

Quando Jesus contava uma parábola utilizava relações humanas, eventos do dia a dia, questões materiais, etc., porém, o foco era apresentar ao povo questões espirituais e que já foram abordadas nas Escrituras “Ele, respondendo, disse-lhes: Porque a vós é dado conhecer os mistérios do reino dos céus, mas a eles não lhes é dado” (Mt 13:11).

Por exemplo: quando Jesus conversou com Nicodemos e lhe disse que o vento sopra onde quer e ouve-se a sua voz, aparentemente foi utilizado eventos do cotidiano para explicar o novo nascimento, porém, Jesus citava as Escrituras “Se vos falei de coisas terrestres, e não crestes, como creereis, se vos falar das

celestiais?” (Jo 3:12 ; Ec 11:5).

O leitor das Escrituras precisa estar alerta, pois todas as parábolas contêm enigmas a serem desvendados. Interpretar uma parábola sem considerar os enigmas contidos nela é má conclusão na certa. Geralmente as parábolas apresentadas no Novo Testamento foram contadas para expor uma verdade defendida pelos profetas, salmos, provérbios e a lei.

Sombra, mentira, vaidade

“Na verdade, todo homem anda numa vã aparência; na verdade, em vão se inquietam; amontoam riquezas, e não sabem quem as levará” (Sl 39:6)

A parábola do rico ‘louco’ foi contada para evidenciar ao povo de Israel uma verdade contida no salmo 39, verso 6: ‘todo homem anda numa vã aparência’, ou seja, é como uma ‘sombra’, alienado de Deus que é a verdade o homem é ‘mentira’.

O salmo não exclui os judeus desta condição quando diz: todo homem anda numa vã aparência!

O verso 6 do Salmo 39 é inclusivo como o Salmo 53: “Deus olhou desde os céus para os filhos dos homens, para ver se havia algum que tivesse entendimento e buscasse a Deus. Desviaram-se todos, e juntamente se fizeram imundos; não há quem faça o bem, não, nem sequer um” (Sl 53:2 -3).

Todos os homens se desviaram e juntamente se fizeram imundo, quer sejam gentios quer judeus. Todos juntamente se desviaram, e andam numa ‘vã aparência’. Por causa da separação decorrente da ofensa no Éden, todos os homens são comparáveis a uma sombra.

O salmo 58 enfatiza a mesma ideia: “Desviam-se os ímpios desde a madre; andam errados desde que nascem, proferindo mentiras” (Sl 58:3). Todos os homens se desviaram de Deus, de modo que todos os que nascem da madre são ímpios, ou seja, proferem mentiras, quer sejam gentios ou judeus.

Como todos os homens vêm ao mundo proveniente da madre e os ímpios desviam-

se na madre, certo é que todos os homens por serem gerados segundo a semente corruptível de Adão são ímpios.

Diante desta verdade evidenciada nas Escrituras, os judeus equivocadamente julgavam que a lei, os profetas e os salmos protestavam exclusivamente contra os gentios, e que somente os gentios se desviaram de Deus por não serem descendentes da carne de Abraão.

Por serem descendentes da carne de Abraão, quando os judeus liam que 'todos se desviaram de Deus', prevaricavam quanto à interpretação, pois entendiam que as Escrituras protestavam somente contra os gentios, uma vez que os judeus entendiam que estava em uma condição diferenciada frente aos gentios por ter recebido a lei por intermédio de Moisés.

Ao falar do tema, o apóstolo Paulo demonstrou que tudo o que a lei diz, dizia aos que estavam debaixo da lei, ou seja, aos judeus, de modo que, apesar de serem descendentes da carne de Abraão, os judeus também eram ímpios assim como os gentios, uma vez que todos se desviaram de Deus desde o ventre por serem filhos de Adão (Rm 3:19).

Diante das Escrituras fica claro que os judeus não são melhores que os gentios, pois ambos estão debaixo do pecado (Rm 3:9), como se lê: 'todo homem anda numa vã aparência', ou seja, são mentirosos **"De maneira nenhuma; sempre seja Deus verdadeiro, e todo o homem mentiroso; como está escrito: Para que sejas justificado em tuas palavras, E venças quando fores julgado"** (Rm 3:4).

Como o salmista sabia que Deus não fazia distinção alguma entre judeus e gentios, Davi admite (confessa) a sua condição quando clama: **"Contra ti, contra ti somente pequei, e fiz o que é mal à tua vista, para que sejas justificado quando falares, e puro quando julgares"** (Sl 51:4). Por que o salmista tinha certeza de que era pecador? Porque judeus e gentios igualmente são formados e concebidos em pecado **"Eis que em iniquidade fui formado, e em pecado me concebeu minha mãe"** (Rm 51:4 -5).

O salmista Davi sabia que há somente duas gerações: uma é a geração dos ímpios e outra é a geração dos justos. Era de conhecimento do salmista que, não importam as ações dos homens, a recompensa deles é conforme a geração dos seus pais (Sl 49:19). Temos duas sementes e duas gerações, sendo que a semente que permanecerá para sempre diz da semente do último Adão, e a

semente que perece, a semente do primeiro pai da humanidade, Adão (Sl 112:2 ; Sl 89:4 ; Sl 24:6 ; Sl 22:30).

É em função desta realidade que Davi roga a Deus para ser gerado de novo segundo a sua palavra (semente incorruptível), que cria um novo coração e concede ao homem um novo espírito (Sl 51:10 ; Ez 36:26).

Os termos riqueza e pobreza são utilizados nas Escrituras para esclarecer a situação do pecador diante de Deus e é justamente fazendo alusão ao pecado que o termo riqueza é citado nas Escrituras, e a análise dos termos 'riqueza' e 'pobreza' é imprescindível para responder às questões.

Como é possível 'todo homem' amontoar riquezas e não saber quem as levará, se na sua maioria os homens são desprovidos de bens materiais? Os bens de um homem, quer pobres ou ricos, não ficam sob o cuidado de seus herdeiros? Quando analisamos o verso 6 do Salmo 39, temos que nos perguntar: estamos diante de uma parábola e seus enigmas, ou há um equívoco na abordagem do salmista? Como é possível haver tantos homens desprovidos de bens materiais no mundo se o salmo diz que 'todo' homem amontoam riquezas? **“Na verdade, todo homem anda numa vã aparência; na verdade, em vão se inquietam; amontoam riquezas, e não sabem quem as levará”** (Sl 39:6).

Os judeus deviam ter o cuidado de, ao ler as Escrituras, se perguntarem por que elas dizem que 'todos' os homens 'andam em vã aparência', e porque elas não contem uma ressalva quanto aos judeus dizendo: todo homem, exceto os descendentes da carne de Abraão, andam numa vã aparência. Se tivessem o cuidado de observar que as Escrituras protestavam que todo homem amontoam riquezas e não sabem quem as levará, deveriam inquirir por que existiam tantos pobres.

O mesmo entrave ocorre com os termos 'louco', 'nescio' que consta na parábola em comento e em outras partes das Escrituras, termos que são utilizados depois da acusação feita por Moisés ao povo de Israel: **“Recompensais assim ao SENHOR, povo louco e ignorante? Não é ele teu pai que te adquiriu, te fez e te estabeleceu?”** (Dt 32:6).

Após a abordagem de Moisés os termos 'louco', 'nescio', 'ignorante' tornaram-se uma 'figura' específica empregada ao longo das Escrituras para fazer referencia ao povo de Israel que eram de dura servil (rebeldes).

O salmo 53 é um exemplo: “DISSE o néscio no seu coração: Não há Deus. Têm-se corrompido, e cometido abominável iniquidade; não há ninguém que faça o bem. Deus olhou desde os céus para os filhos dos homens, para ver se havia algum que tivesse entendimento e buscasse a Deus. Desviaram-se todos, e juntamente se fizeram imundos; não há quem faça o bem, não, nem sequer um. Acaso não têm conhecimento os que praticam a iniquidade, os quais comem o meu povo como se comessem pão? Eles não invocaram a Deus” (Sl 53:1 -4).

O ‘néscio’ que se comporta como se Deus não existisse diz dos líderes de Israel, homens que se alimentavam do povo de Deus como se comessem pão (compare verso 1 com o 4). Esta figura é utilizada diversas vezes pelos profetas: “Chegarão os dias da punição, chegarão os dias da retribuição; Israel o saberá; o profeta é um insensato, o homem de espírito é um louco; por causa da abundância da tua iniquidade também haverá grande ódio” (Os 9:7); “Assim diz o Senhor DEUS: Ai dos profetas loucos, que seguem o seu próprio espírito e que nada viram!” (Ez 13:3); “Deveras o meu povo está louco, já não me conhece; são filhos néscios, e não entendidos; são sábios para fazer mal, mas não sabem fazer o bem” (Jr 4:22); “Atendei, ó brutais dentre o povo; e vós, loucos, quando sereis sábios?” (Sl 94:8).

Observa-se nas Escrituras que o termo ‘louco’ não é utilizado para fazer alusão aos gentios, antes somente é empregado para censurar os filhos de Israel. Esta figura também foi utilizada por Cristo e os apóstolos: “Loucos! Quem fez o exterior não fez também o interior?” (Lc 11:40); “E ele lhes disse: Ó néscios, e tardos de coração para crer tudo o que os profetas disseram!” (Lc 24:25); “Instrutor dos néscios, mestre de crianças, que tens a forma da ciência e da verdade na lei” (Rm 2:20).

Quando lemos na parábola: “Louco! esta noite te pedirão a tua alma; e o que tens preparado, para quem será?”, verifica-se que a reprimenda de Jesus tem por alvo os judeus, pois este era o público a quem foi anunciado a parábola do rico.

Outro elemento a se considerar na parábola é a condição financeira do ‘louco’ e o que ela representa. Devemos considerar a riqueza do homem louco como perniciosa, ou a riqueza é uma figura enigmática que demanda ser estudada e desvendada?

No sermão da montanha registrado por Lucas, temos o seguinte discurso: “E,

levantando ele os olhos para os seus discípulos, dizia: Bem-aventurados vós, os pobres, porque vosso é o reino de Deus. Bem-aventurados vós, que agora tendes fome, porque sereis fartos. Bem-aventurados vós, que agora chorais, porque haveis de rir. Bem-aventurados sereis quando os homens vos odiarem e quando vos separarem, e vos injuriarem, e rejeitarem o vosso nome como mau, por causa do Filho do homem. Folgai nesse dia, exultai; porque eis que é grande o vosso galardão no céu, pois assim faziam os seus pais aos profetas. Mas ai de vós, ricos! porque já tendes a vossa consolação. Ai de vós, os que estais fartos, porque tereis fome. Ai de vós, os que agora rides, porque vos lamentareis e chorareis. Ai de vós quando todos os homens de vós disserem bem, porque assim faziam seus pais aos falsos profetas” (Lc 6:20 -26).

É significativo o fato de que os que creem em Cristo são descritos como pobres, e os que rejeitam a Cristo são designados ‘ricos’. Considerando o fato de que Jesus só falava ao povo utilizando parábolas, significa que Jesus não estava fazendo distinção entre os seus ouvintes quanto às questões de ordem financeira e sim quanto aqueles que realizavam a vontade de Deus “Porquanto a vontade daquele que me enviou é esta: Que todo aquele que vê o Filho, e crê nele, tenha a vida eterna; e eu o ressuscitarei no último dia” (Jo 6:40).

Significa que qualquer que confiar em Cristo, quer seja rico quer seja pobre financeiramente é bem-aventurado, portanto, pobre, manso, triste, etc. Qualquer que não confia em Cristo, quer seja rico ou pobre financeiramente é descrito como farto, rico, etc.

Quando Tiago diz: “EIA, pois, agora vós, ricos, chorai e pranteai, por vossas misérias, que sobre vós hão de vir. As vossas riquezas estão apodrecidas, e as vossas vestes estão comidas de traça. O vosso ouro e a vossa prata se enferrujaram; e a sua ferrugem dará testemunho contra vós, e comerá como fogo a vossa carne. Entesourastes para os últimos dias. Eis que o jornal dos trabalhadores que ceifaram as vossas terras, e que por vós foi diminuído, clama; e os clamores dos que ceifaram entraram nos ouvidos do Senhor dos exércitos. Deliciosamente vivestes sobre a terra, e vos deleitastes; cevastes os vossos corações, como num dia de matança. Condenastes e matastes o justo; ele não vos resistiu” (Tg 5:1 -6), os ‘ricos’ referem-se aos judeus (ricos) que não creram, condenaram e mataram o Cristo, de modo que, por rejeitarem a Cristo, o único que tem ouro e prata aprovados (Ap 3:18), a riquezas deles estavam apodrecidas, as vestes destruídas e entesouraram ira para o dia do juízo.

Daí a palavra de ordem: “Senti as vossas misérias, e lamentai e chorai; converta-se o vosso riso em pranto, e o vosso gozo em tristeza” (Tg 4:9), que é o mesmo que ‘arrependei-vos’ (At 2:38). Por que deveriam sentir as suas misérias e lamentarem? Porque os judeus rejeitaram a Cristo por entenderem que possuíam recursos necessários para serem salvos, mas na verdade eram pobres, cegos e nus “Como dizes: Rico sou, e estou enriquecido, e de nada tenho falta; e não sabes que és um desgraçado, e miserável, e pobre, e cego, e nu” (Ap 3:17). ‘Sentir a miséria’ e ‘lamentar’ são figuras que remetem às pessoas que mudam de concepção (arrependimento) dando ouvidos ao anunciador de boas novas, que é Cristo. Se o contrito de espírito, o manso, o pobre, etc., ouve a mensagem do evangelho e crê, recebe de Deus glória, gozo, louvor, etc. (Sl 61:1 -3).

Daí é possível entender a seguinte fala de Jesus: “Quão dificilmente entrarão no reino de Deus os que têm riquezas!” (Mc 10:23). Os discípulos ficaram perplexos quando Jesus disse que os que ‘têm riquezas’ dificilmente entrarão no reino dos céus, pois pensaram que Jesus falava dos abastados financeiramente.

Porém, diante da admiração dos seus discípulos, Jesus explica: “Filhos, quão difícil é, para os que confiam nas riquezas, entrar no reino de Deus!” (Mc 10:24). Quando Jesus disse ser ‘difícil’ os que têm ‘riquezas’, ou seja, que cofiam ‘nas riquezas’ entrar no reino dos céus é porque os que ‘confiam nas riquezas’ não nasceram de novo e nem possuem obras maiores que a dos escribas e fariseus (Jo 3:3 ; Mt 5:20).

A vontade de Deus é que o homem creia em Cristo, porém, os judeus preferiam confiar em sua origem segundo a carne e nas prescrições da lei. Por serem recalcitrantes, de dura servis, confiavam em suas ‘riquezas’ e deixavam de confiar em Deus.

Se ‘nascer de novo’ e ter ‘obra superior a dos escribas e fariseus’ é condição essencial para entrar no reino dos céus, qual riqueza é empecilho à entrada no reino dos céus?

A ‘riqueza’ em tela não diz de questões materiais, antes é uma figura que remete aos que fazem da carne (descendência de Abraão) a sua força (salvação). Em lugar de confiarem em Deus para serem bem-aventurados (Jr 17:7), os descendentes da carne de Abraão confiavam em si mesmos, pois constituíam a sua carne o seu próprio braço (salvação)(Jr 17:5).

Sobre os que confiavam na força do seu braço escreveu o apóstolo Paulo: “Nem por serem descendência de Abraão são todos filhos; mas: Em Isaque será chamada a tua descendência. Isto é, não são os filhos da carne que são filhos de Deus, mas os filhos da promessa são contados como descendência” (Rm 9:7 -8).

A leitura da parábola do rico ‘louco’ deve ser compreendida em função do reino dos céus e não em vista das riquezas deste mundo. A percepção do leitor da parábola deve transcender o senso comum, haja vista que em uma parábola há enigmas a serem desvendados “E disse-lhes: Não percebeis esta parábola? Como, pois, entenderéis todas as parábolas?” (Mc 4:13).

Quando lemos: “Certamente que os homens de classe baixa são vaidade, e os homens de ordem elevada são mentira; pesados em balanças, eles juntos são mais leves do que a vaidade. Não confieis na opressão, nem vos ensoberbeçais na rapina; se as vossas riquezas aumentam, não ponhais nelas o coração” (Sl 62:9 -10), Diante de Deus tanto ricos quanto pobres são vaidade. Deus não tem em preferência os desprovidos de bens materiais e nem pretere os nobres da face da terra.

Como Deus não faz acepção de pessoas, a mensagem: ‘Não confieis na opressão, no roubo, na violência’ abarca tanto ricos quanto pobres financeiramente.

Para entrar no reino dos céus o homem não deve se utilizar da força ou da violência, antes é pela palavra de Deus (Zc 4:6). A força, a violência, a opressão, o roubo, etc., são figuras que ilustram aqueles que querem se salvar por intermédio das suas obras “As suas teias não prestam para vestes nem se poderão cobrir com as suas obras; as suas obras são obras de iniquidade, e obra de violência há nas suas mãos” (Is 59:6).

O profeta Isaías estava anunciando a palavra do Senhor ao povo utilizando-se de parábolas e enigmas, de modo que, ao falar da justiça que decorre da lei, comparou-a a teias de aranha. A justiça decorrente das suas obras não servia para cobrir-se diante de Deus. As obras são comparáveis à iniquidade, o mesmo que obra de violência. Apesar do sacrifício contínuo e das orações prolongadas, tudo era reprovado diante de Deus “Não continueis a trazer ofertas vãs; o incenso é para mim abominação, e as luas novas, e os sábados, e a convocação das assembleias; não posso suportar iniquidade, nem mesmo a reunião solene. As vossas luas novas, e as vossas solenidades, a minha alma as odeia; já me são

pesadas; já estou cansado de as sofrer. Por isso, quando estendeis as vossas mãos, escondo de vós os meus olhos; e ainda que multipliqueis as vossas orações, não as ouvirei, porque as vossas mãos estão cheias de sangue. Lavai-vos, purificai-vos, tirai a maldade de vossos atos de diante dos meus olhos; cessai de fazer mal” (Is 1:13 -16).

Se há uma obra, a recompensa, o salário, o ganho é certo, de modo que as ‘obras de iniquidade’ são descritas como ganho de opressão, ganho de violência, atos de maldade. Qualquer que se lança às ofertas vãs, às orações prolongadas, aos sábados, as reuniões solenes, etc., multiplica suas obras de violência e entesoura para si o seu ganho. O ‘tesouro’, a ‘riqueza’ amealhada em função destas práticas é produto de opressão, porém, o povo de Israel aumentava as suas obras acreditando que as suas riquezas seriam suficientes para alcançar salvação, posto que o coração deles estavam fiados em suas obras (Sl 62:9 -10).

Quando Jesus diz: “É mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha, do que entrar um rico no reino de Deus” (Mc 10:25), interpôs uma impossibilidade natural (passar um camelo pelo fundo de uma agulha) para demonstrar que a impossibilidade de alguém que ‘confia’ nas ‘riquezas’ entrar no reino de Deus é maior.

O texto deve ser compreendido a partir do seguinte princípio: “Ninguém pode servir a dois senhores; porque ou há de odiar um e amar o outro, ou se dedicará a um e desprezará o outro. Não podeis servir a Deus e a Mamom” (Mt 6:24). Ora, o tesouro prende o coração do homem, o que o impede de amar (servir) a Deus de todo o seu coração “Porque onde estiver o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração” (Mt 6:21).

Tudo o que o homem adquire de Deus deve ser sem dinheiro e sem preço. Quando o homem adquire uma riqueza por meio da força do seu braço (obras da lei), passa a possuir um tesouro que assume a condição de um ídolo (Mamom), pois o homem deixa de confiar na graça de Deus para confiar na sua riqueza (Sl 62:9 -10).

O homem passa a servir a Mamom quando não ouve a palavra do Senhor e, ao porfiar confiando na sua riqueza, torna a sua própria vontade um ídolo “Porque a rebelião é como o pecado de feitiçaria, e o porfiar é como iniquidade e idolatria. Porquanto tu rejeitaste a palavra do SENHOR, ele também te rejeitou a ti, para

que não sejas rei” (1Sm 15:23).

Ora, o maior tesouro do povo de Israel estava na sua origem e na lei, ou seja, no crente Abraão e em Moisés. Diante do evangelho e da pessoa de Cristo os filhos de Jacó relutavam em mudarem de concepção apontando para ambos: Moisés e Abraão “Então o injuriaram, e disseram: Discípulo dele sejas tu; nós, porém, somos discípulos de Moisés” (Jo 9:28); “Responderam, e disseram-lhe: Nosso pai é Abraão” (Jo 8:39).

O apóstolo Paulo elenca quais os entes que compõe a riqueza dos judeus: a nacionalidade (israelitas), adoção de filhos por serem descendentes de Abraão, a glória, as alianças, a lei, o culto, as promessas, os pais e Cristo segundo a carne.

Ora, se um judeu que recebeu todos os itens elencados acima não pode salvar-se, surge a pergunta: “Quem poderá, pois, salvar-se?” (Mc 10:26). A resposta de Cristo demonstra que confiar na carne de Abraão é uma ‘riqueza’ que não conduz a Deus (Mt 10:37), para alcançar a Cristo, pois com relação a salvação: “Para os homens é impossível, mas não para Deus, porque para Deus todas as coisas são possíveis” (Mc 10:27).

O salmista Davi apresentou profeticamente o enigma do homem rico no salmo 49 anunciado tanto aos ricos quanto aos pobres financeiramente que, quando viesse o dia em que ‘os homens que confiam em suas riquezas’ cercariam o Messias, o Cristo de Deus não temeria (Sl 49:5 -6). Por quê? Porque confiar em suas riquezas era a loucura dos homens que estavam em honra em Israel, uma vez que rejeitaram a Cristo, a pedra eleita e preciosa (Sl 49:13).

A parábola do homem rico

“E propôs-lhe uma parábola, dizendo: A herdade de um homem rico tinha produzido com abundância; E ele arrazoava consigo mesmo, dizendo: Que farei? Não tenho onde recolher os meus frutos. E disse: Farei isto: Derrubarei os meus celeiros, e edificarei outros maiores, e ali recolherei todas as minhas novidades e os meus bens; E direi a minha alma: Alma, tens em depósito muitos bens para muitos anos; descansa, come, bebe e folga. Mas Deus lhe disse: Louco! esta noite te pedirão a tua alma; e o que tens preparado, para quem será? Assim é aquele

que para si ajunta tesouros, e não é rico para com Deus” (Lc 12:16 -21).

É seguro dizer que a parábola do rico louco não visava uma transformação socioeconômica, antes foi contada visando uma revolução na mentalidade (metanoia) do povo de Israel acerca de como alcançar a salvação.

A parábola do homem rico ilustra o pensamento do povo de Israel que, por ser descendente da carne de Abraão, entendiam que haviam herdado a bem-aventurança prometida por Deus a Abraão.

Quando liam nas Escrituras: “E a tua descendência será como o pó da terra, e estender-se-á ao ocidente, e ao oriente, e ao norte, e ao sul, e em ti e na tua descendência serão benditas todas as famílias da terra” (Gn 28:14), os filhos da carne de Abraão, Isaque e Jacó interpretavam que eram benditos por serem descendentes dos patriarcas e, qualquer que se tornasse prosélito seria bem-aventurado.

Mas, os líderes de Israel estavam equivocados, pois não são os filhos de Abraão que são salvos, antes os salvos são os filhos da promessa, que diz: “Todas as nações serão benditas em ti” (Gl 3:8). Para ser filho segundo a promessa era necessário crer como o crente Abraão, pois este é o único meio de ser declarado justo diante de Deus, porém, os filhos de Jacó repousavam na filiação segundo a carne. Quando Abraão ouviu a promessa, passou a crer no descendente prometido, de modo que viu o seu dia e alegrou-se na salvação de Deus “Abraão, vosso pai, exultou por ver o meu dia, e viu-o, e alegrou-se” (Jo 8:56).

Sobre este posicionamento disse o apóstolo Paulo: “Assim como Abraão creu em Deus, e isso lhe foi imputado como justiça. Sabei, pois, que os que são da fé são filhos de Abraão. Ora, tendo a Escritura previsto que Deus havia de justificar pela fé os gentios, anunciou primeiro o evangelho a Abraão, dizendo: Todas as nações serão benditas em ti. De sorte que os que são da fé são benditos com o crente Abraão” (Gl 3:6 -9).

A leitura correta da promessa segue o seguinte termo: “Ora, as promessas foram feitas a Abraão e à sua descendência. Não diz: E às descendências, como falando de muitas, mas como de uma só: E à tua descendência, que é Cristo” (Gl 3:16). Mas, como os filhos de Israel não atinaram para o fato de que as Escrituras encerrou todos os homens sob o pecado, de modo que a promessa é dada aos crentes e não aos filhos da carne de Abraão “Mas a Escritura encerrou tudo

debaixo do pecado, para que a promessa pela fé em Jesus Cristo fosse dada aos crentes” (Gl 3:22).

Porém, antes que Cristo viesse ao mundo conforme a promessa feita a Abraão, Deus entregou a lei para fazer com que os descendentes da carne de Abraão vissem a sua real condição, deixassem de crer em sua origem e passassem a esperar n’Aquele que havia de se manifestar assim como fez o crente Abraão “Mas, antes que a fé viesse, estávamos guardados debaixo da lei, e encerrados para aquela fé que se havia de manifestar. De maneira que a lei nos serviu de aio, para nos conduzir a Cristo, para que pela fé fôssemos justificados” (Gl 3:23 -24).

Quando o descendente prometido a Abraão veio, os filhos da carne de Abraão se apegaram à lei de Moisés e continuaram alegando que eram salvos por serem descendentes de Abraão, e rejeitaram a bem-aventurança.

Ora, se tudo o que a lei diz, diz aos que estão sob a lei, isto significa que o que os salmos também dizem (referem-se) dos filhos de Jacó (observe que o apóstolo Paulo citou diversos versículos dos salmos), de modo que a parábola do rico louco é uma releitura do Salmo 49, que diz “Aqueles que confiam na sua fazenda, e se gloriam na multidão das suas riquezas, Nenhum deles de modo algum pode remir a seu irmão, ou dar a Deus o resgate dele (Pois a redenção da sua alma é caríssima, e cessará para sempre), Para que viva para sempre, e não veja corrupção. Porque ele vê que os sábios morrem; perecem igualmente tanto o louco como o brutal, e deixam a outros os seus bens. O seu pensamento interior é que as suas casas serão perpétuas e as suas habitações de geração em geração; dão às suas terras os seus próprios nomes. Todavia o homem que está em honra não permanece; antes é como os animais, que perecem. Este caminho deles é a sua loucura; contudo a sua posteridade aprova as suas palavras. (Selá.) Como ovelhas são postos na sepultura; a morte se alimentará deles e os retos terão domínio sobre eles na manhã, e a sua formosura se consumirá na sepultura, a habitação deles. Mas Deus remirá a minha alma do poder da sepultura, pois me receberá. (Selá.) Não temas, quando alguém se enriquece, quando a glória da sua casa se engrandece. Porque, quando morrer, nada levará consigo, nem a sua glória o acompanhará” (Sl 49:6 -17).

O homem rico cuja herdade produziu com abundância representa o povo de Israel, pois pensavam (arrazoavam) consigo mesmo que eram salvos, porém, o que pensavam não era condizente com a palavra de Deus.

O que pensa uma pessoa abastada com bens deste mundo? Diante de uma herdade que produz com abundancia resta edificar outros maiores em substituição ao que anteriormente possuía para recolher o que for produzido. Por fim, dirá: Alma, tens em depósito muitos bens para muitos anos; descansa, come, bebe e folga!

Assim era o pensamento dos filhos de Israel, pois arrazoavam consigo mesmo dizendo: Temos por pai Abraão, de modo que nunca fomos escravos de ninguém! [“E não presumais, de vós mesmos, dizendo: Temos por pai a Abraão; porque eu vos digo que, mesmo destas pedras, Deus pode suscitar filhos a Abraão”](#) (Mt 3:9); [“Responderam-lhe: Somos descendência de Abraão, e nunca servimos a ninguém; como dizes tu: Sereis livres?”](#) (Jo 8:33).

Ou seja, diante da pedra eleita e preciosa, os filhos de Israel resolveram seguir os seus próprios pensamentos e coração, tendo por real valor a filiação de Abraão e a lei mosaica, desprezando a benção que enriquece (Pv 10:22 ; Ml 2:2 ; Jo 5:23).

Ao compreender a verdade do evangelho, o apóstolo Paulo abriu mão do que ele entendia de real valor para poder alcançar a Cristo [“Ainda que também podia confiar na carne; se algum outro cuida que pode confiar na carne, ainda mais eu: Circuncidado ao oitavo dia, da linhagem de Israel, da tribo de Benjamim, hebreu de hebreus; segundo a lei, fui fariseu; Segundo o zelo, perseguidor da igreja, segundo a justiça que há na lei, irrepreensível. Mas o que para mim era ganho reputei-o perda por Cristo. E, na verdade, tenho também por perda todas as coisas, pela excelência do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor; pelo qual sofri a perda de todas estas coisas, e as considero como escória, para que possa ganhar a Cristo, E seja achado nele, não tendo a minha justiça que vem da lei, mas a que vem pela fé em Cristo, a saber, a justiça que vem de Deus pela fé”](#) (Fl 3:4 -9).

O apóstolo elenca os motivos pelos quais poderia confiar na carne: ‘Circuncidado ao oitavo dia, da linhagem de Israel, da tribo de Benjamim, hebreu de hebreus; segundo a lei, fui fariseu; Segundo o zelo, perseguidor da igreja, segundo a justiça que há na lei, irrepreensível’. Porém, o que para ele era ganho (de valor), por Cristo reputou como perda todas os elementos elencados anteriormente.

O homem que possuía por sobrenome a alcunha de judeu sentia-se abastado, enriquecido por confiar na lei (repousas na lei), pois entendiam que se gloriavam

em Deus, que sabiam a vontade de Deus e que consentiam com o que é excelente em virtude da instrução que detinham segundo a lei (Rm 2:17 -20). A confiança do povo judeu era a de que guiavam os cegos e que eram luz para os povos em trevas, instrutores dos néscios e das crianças, mas desconheciam que o verdadeiro judeu é o que recebe a circuncisão no coração e não na carne (Rm 2:29).

Daí a parábola de Cristo, demonstrando que o povo judeu se sentia rico (Ap 3:17). Sentiam-se tão abastados que arrazoavam onde armazenariam o produto do seu trabalho (Lc 12:17). Daí a reprimenda de Jesus segundo o que as Escrituras de longa data protestavam: “Mas Deus lhe disse: Louco! esta noite te pedirão a tua alma; e o que tens preparado, para quem será?” (Lc 12:20); “Eis aqui o homem que não pôs em Deus a sua fortaleza, antes confiou na abundância das suas riquezas, e se fortaleceu na sua maldade” (Sl 52:7); “Aquele que confia nas suas riquezas cairá, mas os justos reverdecerão como a folhagem” (Pv 11:28); “Há alguns que se fazem de ricos, e não têm coisa nenhuma, e outros que se fazem de pobres e têm muitas riquezas” (Pv 13:7).

O povo judeu era o homem que não pôs em Deus a sua confiança, antes confiou na sua riqueza, fortalecendo-se na suas obras más. Eles mesmos se fizeram ricos gloriando-se na carne, mas a verdadeira riqueza, que é o louvor de Deus, não possuíam.

Mas, qualquer que ajunta tesouros para si é comparável ao rico louco, que possuindo muito não era rico para com Deus, certo que a vida de um homem não consiste nos bens que possui (Lc 12:15).

Para ser rico para com Deus é necessário buscar a Cristo, a justiça segundo a fé, pois Ele é de cima (Mt 6:33 ; Jo 8:23). Somente Jesus possui ouro aprovado, riqueza impar não sujeita a ferrugens, a traça ou ao roubo (Mt 6:20 ; Ap 3:18). Mas, para adquirir ouro aprovado é necessário o homem reconhecer a sua miserabilidade (Mt 5:3), que é um errado de espírito, quando Deus dará o conhecimento que satisfaz a alma faminta “E os errados de espírito virão a ter entendimento, e os murmuradores aprenderão doutrina” (Is 29:24 ; Is 61:1 -3; Is 55:1 -3).

Quando aparece nas Escrituras a figura do pobre, como no verso que se segue: “Compadecer-se-á do pobre e do aflito, e salvará as almas dos necessitados” (Sl

72:13), o profeta Davi não tem em vista os desprovidos de bens materiais, antes diz daqueles que creem em Deus, quer seja pobre ou rico financeiramente.

Outra figura é a do órfão e a da viúva: [“Pai de órfãos e juiz de viúvas é Deus, no seu lugar santo”](#) (Sl 68:5), pessoas que na antiguidade eram o símbolo, a figura dos necessitados e pobres. Quando o salmista diz que Deus é pai de órfãos, significa que, quem tem por pai Abraão por ser descendente da carne do patriarca não tem Deus por Pai. Mas, aquele que vê que o seu verdadeiro pai segundo a carne é Adão, e este vendeu todos os seus filhos ao pecado quando da ofensa no Éden, é órfão e reconhece que necessita de um justo juiz. Se o homem deixar pai e mãe, ou seja, deixar de confiar na sua origem segundo a carne dos patriarcas, tornar-se-á pobre e alvo da bem-aventurança divina pela fé em Cristo (Mt 5:3).

Você é realmente salvo?

As religiões buscam demonstrar que o homem é pecador através de questões morais e legais, mas a Bíblia demonstra que todos se tornaram pecadores por causa de uma única ofensa [“E, quando ele vier, convencerá o mundo do pecado, e da justiça e do juízo”](#) (Jo 16:8).

Você é realmente salvo?

Introdução

Muitos cristãos não sabem se são salvos, insegurança que advém de certos posicionamentos doutrinários, ou por não compreender alguns versos da Bíblia.

Versos que contêm advertência quanto aos cuidados com a salvação parecem suplantar as garantias contidas no evangelho, e muitos duvidam se realmente são

salvos.

Como compreender a advertência contida no seguinte verso:

[“Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus” \(Mt 7:21 \).](#)

Diante deste verso, muitos duvidam de sua salvação e questionam-se sobre a possibilidade de estarem enganados por acreditarem que são salvos. Além da dúvida, ainda encontram os pseudos mestres do cristianismo que se utilizam do versículo somente para incutir medo nas pessoas, mas que também não compreendem a verdade ali contida.

Quando Jesus disse: ‘Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor!’, estava falando a uma multidão demonstrando que, não basta chamá-lo de Senhor, antes, é necessário fazer a vontade de Deus para poderem entrar no céu.

Jesus esclareceu os seus ouvintes sobre o que é necessário fazer para ter garantia da salvação quando demonstrou aos seus ouvintes que dizer ‘Senhor, Senhor’, não garante salvação. A garantia de salvação está em fazer a vontade do Pai celestial. Jesus não demonstrou somente o que não garante salvação e deixou por conta do homem decidir por si mesmo qual é a vontade de Deus. Não! Jesus veio ao mundo fazer a vontade do Pai e declarar ao homem qual é a vontade de Deus a ser realizada pelo homem para alcançar a salvação.

A vontade de Deus

Qual é a vontade de Deus que, se o homem realizar, garante entrada nos céus?

Alguns pregadores, de posse deste verso arrematam dizendo que tais palavras têm por alvo aqueles que ‘professam’ publicamente com os lábios que crê em Cristo, mas que nunca se converteram genuinamente, alegando que confessar que creu em Cristo não redundava em salvação se o penitente não obedecer a Deus fazendo a sua vontade, o que gera confusão, pois não esclarecem qual é a vontade de Deus, ou pior, alegam que conformar-se com comportamentos estabelecidos pela sociedade como correto é realizar a vontade de Deus.

Uma coisa é certa: só entrará nos céus quem nascer de novo! Só entrará nos céus quem tiver obra superior a dos escribas e fariseus! Só entrará nos céus quem faz

a vontade Deus! Ora, a vontade de Deus é específica: que creiam em Cristo.

A obra de Deus, ou o mandamento de Deus, ou a vontade de Deus resume-se na seguinte frase: [“E o seu mandamento é este: que creiamos no nome de seu Filho Jesus Cristo, e nos amemos uns aos outros, segundo o seu mandamento”](#) (1Jo 3:23 ; Jo 6:29).

Ora, se a vontade de Deus é que os homens creiam em Cristo, quando Jesus disse que não basta dizer: -‘Senhor, Senhor’, mas que é necessário realizar a obra de Deus - a essência da mensagem de Cristo é que cressem n’Ele [“Jesus respondeu, e disse-lhes: A obra de Deus é esta: Que creiais naquele que ele enviou”](#) (Jo 6:29).

Fazer a vontade de Deus resulta em salvação, nunca o contrário, que a salvação resulta em fazer a vontade de Deus. Chavões como: *‘Tu não fazes a vontade de Deus para que sejas salvo, mas farás a vontade de Deus se és verdadeiramente salvo’*, possui um equívoco tremendo.

Muitas vezes o pecador ouve que é pecador por ter sido gerado de Adão e que necessita de Cristo para ser salvo, e após o pecador crer que Jesus é o Filho de Deus que tira o pecado do mundo, tem a sua confiança desconstruída em função do argumento de que ‘o verdadeiro fruto da salvação é fazer a vontade de Deus’. Está é uma das artimanhas de Satanás que está ao redor buscando a quem possa tragar. Este é um engano de perdição, pois crer em Cristo é a vontade de Deus, condição essencial para entrar no reino dos céus, quando o crente passa a estar em Cristo e Cristo no crente [“E aquele que guarda os seus mandamentos nele está, e ele nele. E nisto conhecemos que ele está em nós, pelo Espírito que nos tem dado”](#) (1Jo 3:25).

Crer em Cristo como o Cristo de Deus que havia de vir ao mundo é o mesmo que estar em Cristo, portanto, quem crê torna-se nova criatura, pois basta crer em Cristo para o homem cumpra o mandamento de Deus.

Quando o carcereiro de Filipo perguntou ao apóstolo Paulo e a Silas o que deveria fazer para se salvar, a resposta foi específica e categórica: creia no Senhor Jesus! [“E, tirando-os para fora, disse: Senhores, que é necessário que eu faça para me salvar? E eles disseram: Crê no Senhor Jesus Cristo e serás salvo, tu e a tua casa”](#) (At 16:30 -31).

Quem crê que Jesus é o Filho de Deus vence o mundo **“Quem é que vence o mundo, senão aquele que crê que Jesus é o Filho de Deus?”** (1Jo 5:5). Em admitir que Jesus Cristo é o Filho de Deus e que Deus o ressuscitou dentre os mortos está a salvação **“A saber: Se com a tua boca confessares ao Senhor Jesus, e em teu coração creres que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo”** (Rm 10:9).

Confissão

Quando se crê em Cristo, ou seja, quando se faz a vontade de Deus, o homem passa a estar ligado à videira verdadeira. Por ser uma vara ligada à videira é impossível não dar fruto **“Estai em mim, e eu em vós; como a vara de si mesma não pode dar fruto, se não estiver na videira, assim também vós, se não estiverdes em mim. Eu sou a videira, vós as varas; quem está em mim, e eu nele, esse dá muito fruto; porque sem mim nada podeis fazer”** (Jo 15:4 -5; 1Jo 3:25).

Quando Jesus diz: ‘Estai em mim e eu em vós’, estava dizendo: - “Façam a vontade do Pai”; - “Creiam que Eu sou o enviado de Deus”; - “Realizem a obra de Deus”, pois qualquer que crê em Cristo passa a estar em Cristo e Cristo no crente. Para estar em Cristo basta crer em Cristo (Jo 14:1), pois este é o mandamento de Deus que resulta em salvação, uma vez que Cristo foi enviado por Deus para que todo aquele que nele crê não pereça, antes tenha a vida eterna (Jo 3:16).

O fruto que o crente produz é professar o nome de Jesus como salvador do mundo **“Portanto, ofereçamos sempre por ele a Deus sacrifício de louvor, isto é, o fruto dos lábios que confessam o seu nome”** (Hb 13:15). Fazer a vontade de Deus é crer em Cristo, e o fruto daquele que crê consiste em professar a Cristo, o fruto dos lábios, que não é o mesmo que ‘fruto da salvação’ (Hb 13:15).

O mandamento é crer em Cristo, o fruto é anunciar as boas novas do evangelho, pois no fruto está a semente que produz vida. É um equívoco grotesco confundir o fruto dos lábios com o mandamento de Deus.

A evidência da salvação está em que Deus ressuscitou o Seu Filho dentre os mortos, e que todo o que obedece a Deus crendo em Cristo é salvo, pois o seu mandamento é crer em Cristo.

Se o Cristão crê que Jesus é o salvador do mundo, o Filho de Deus nascido na

casa de Davi, que viveu sem pecado, foi morto e ressurgiu dentre os mortos e está assentado à destra do Pai nas alturas, está salvo, como se lê: “[O qual antes prometeu pelos seus profetas nas santas escrituras, Acerca de seu Filho, que nasceu da descendência de Davi segundo a carne, Declarado Filho de Deus em poder, segundo o Espírito de santificação, pela ressurreição dos mortos, Jesus Cristo, nosso Senhor](#)” (Rm 1:2 -4).

Não deixe que outra pessoa examine a autenticidade da tua salvação, antes prove, analise a si mesmo se permaneceis crendo em Cristo, pois Ele é a fé que havia de se manifestar e que nos foi manifesta (Gl 3:23). Se o crente permanece crendo que Jesus é o Cristo conforme diz as Escrituras, é aprovado diante de Deus.

Se alguém tentar por em dúvida a salvação de quem creu em Cristo, basta fazer o recomendado pelo apóstolo Paulo aos cristãos de Corintos: “[Examinai-vos a vós mesmos, se permaneceis na fé; provai-vos a vós mesmos. Ou não sabeis quanto a vós mesmos, que Jesus Cristo está em vós? Se não é que já estais reprovados](#)” (2Co 13:5).

É por este motivo que o crente deve se interirar do que alcançou após ouvir o evangelho e crer em Cristo “[Em quem também vós estais, depois que ouvistes a palavra da verdade, o evangelho da vossa salvação; e, tendo nele também crido, fostes selados com o Espírito Santo da promessa](#)” (Ef 1:13).

Agora, se o cristão desconhece que está em Cristo e que Cristo está nele; se desconhece que é nova criatura por estar em Cristo; se desconhece que é templo, habitação do Espírito de Deus; se desconhece que é o corpo de Cristo; se desconhece que é luz no Senhor; se desconhece que é filho de Deus; se desconhecer que foi batizado na morte de Cristo; se desconhece que já ressurgiu com Cristo dentre os mortos; se desconhece que o Pai e o Filho vieram e fizeram nele morada, qualquer questão proveniente do anticristo demoverá tal cristão da sua fé e será achado reprovado “[Examinai-vos a vós mesmos, se permaneceis na fé; provai-vos a vós mesmos. Ou não sabeis quanto a vós mesmos, que Jesus Cristo está em vós? Se não é que já estais reprovados](#)” (2Co 13:5).

O cristão que não compreende que a vontade de Deus é crer em Cristo, ou que não compreende que crer em Cristo é suficiente para redundar em salvação, é comparável à semente caída a beira do caminho, suscetível de o maligno vir e arrebatá-la, conforme lemos na parábola do semeador: “[Ouvindo alguém](#)

a palavra do reino, e não a entendendo, vem o maligno, e arrebatada o que foi semeado no seu coração; este é o que foi semeado ao pé do caminho” (Mt 13:19).

Se o crente crê que:

- a. Era pecador porque era descendente de Adão, porque foi gerados em pecado (Rm 3:23);
- b. Jesus foi enviado ao mundo para salvar a humanidade porque todos estavam alienados de Deus por causa da ofensa de Adão (Jo 3:16);
- c. Jesus é o Verbo eterno que no princípio estava com Deus (Jo 1:1 -2), e sendo Deus, esvaziou-se do seu poder e glória e tornou-se homem (Fl 2:7);
- d. Jesus foi introduzido no mundo como o Unigênito Filho de Deus gerado no ventre de Maria pelo Espírito de Deus (Jo 1:18 ; Mt 1:18);
- e. Jesus viveu entre os homens, foi participante de todas as aflições, porém, sem pecado (Hb 2:17);
- f. Jesus foi crucificado, morreu, foi sepultado e ressurgiu ao terceiro dia e está assentado à destra de Deus nas alturas (Rm 1:3 -4), significa que se arrependeu, ou seja, que a sua concepção foi mudada, transformada pela mensagem do evangelho e efetivamente salvo.

Arrependimento genuíno

Há uma má leitura acerca do que é o arrependimento genuíno que também turva o entendimento de muitos cristãos. Arrependimento segundo a Bíblia diz de mudança de concepção, de entendimento. Quando Jesus diz ao Fariseus: “... se não vos arrependerdes, todos de igual modo perecereis” (Lc 13:5), estava demonstrando que, apesar de pensarem que estava em condição privilegiada diante de Deus por serem descendentes de Abraão, na realidade, se não mudassem a concepção que tinham, pereceriam do mesmo modo que aqueles gentios que os fariseus haviam acabado de emitir um julgamento.

Arrependimento não é confessar erros e crimes cometidos. Arrependimento não é ir a um confessionário. Arrependimento não é penitenciar-se. Arrependimento não

é remorso. Arrependimento, 'metanoia' no grego, é deixar de ter um conceito para abraçar uma nova compreensão.

Os fariseus acreditavam que era salvos por serem descendentes de Abraão, porém, se um fariseu se arrependesse, deveria substituir a concepção de que era salvo por ser descendente de Abraão pela concepção de que a salvação se dá em Cristo, o descendente prometido a Abraão. É por isso que João Batista disse aos escribas e fariseus: - *“Arrependei-vos. Ou seja, mudem a concepção de vocês, pois para ser salvo não basta pensar que tendes por pai a Abraão, pois das pedras Deus pode suscitar filhos a Abraão”*; - *“Mude a concepção de vocês, pois o reino de Deus está entre vós”*.

Dizer: - 'Senhor, Senhor', é portar-se como alguns judeus que diziam crer em Cristo (Jo 8:31), mas que ao serem questionados, apresentaram a sua real crença: *“Somos descendência de Abraão, e nunca servimos a ninguém; como dizes tu: Sereis livres?”* (Jo 8:33).

Apesar de muitos judeus crerem em Cristo, criam ao seu modo, pois entendiam que Cristo era um dos profetas, ou que era somente um dos filhos de José e Maria. Eles não criam em Cristo como o descendente prometido a Davi; não criam que Cristo é superior a Abraão; não criam que Cristo existia antes de Abraão; não criam que Jesus é o Eu Sou (Jo 8:53).

Os judeus criam em Deus, porém, não queriam obedecê-Lo, por isso Jesus disse aos seus discípulos: *“Crede em Deus, crede também em mim”* (Jo 14:1). O protesto de Tiago quanto ao posicionamento dos judeus é claro: *“Tu crês que há um só Deus; fazes bem. Também os demônios o creem, e estremeçam”*(Tg 2:19). Mas, por que Tiago protestou deste modo? Porque o mandamento de Deus é que os homens creiam em Cristo, e quem, na verdade, crê em Deus, deve crer em Cristo *“E Jesus clamou, e disse: Quem crê em mim, crê, não em mim, mas naquele que me enviou”*(Jo 12:44). Se não crer em Cristo, na verdade não crê em Deus *“Para que todos honrem o Filho, como honram o Pai. Quem não honra o Filho, não honra o Pai que o enviou”* (Jo 5:23).

Crer é suficiente e crer é o exigido para a salvação da alma. Quando alguém alega que ser salvo 'não é apenas crer, antes que há um crer específico' somente trás entrave à compreensão.

Qual é o tipo de crença que é para a salvação da alma?

Ora, crer que Jesus veio em carne é o tipo de crença que é para salvação da alma, mas crer que Jesus não veio em carne é uma crença de perdição fomentada pelo anticristo **“Porque já muitos enganadores entraram no mundo, os quais não confessam que Jesus Cristo veio em carne. Este tal é o enganador e o anticristo”** (2Jo 1:7 ; 1Jo 4:2).

Crer que Jesus foi crucificado, morreu e ressurgiu dentre os mortos é o tipo de crença que redundava em salvação da alma, mas crer que Jesus não morreu ou que não ressuscitou dentre os mortos, é o tipo de crença que não livra da condenação (1Co 15:3 -4).

Crer que o Jesus de Nazaré é o Cristo, o Filho de Deus, é o tipo de crença que é para salvação, mas negar que Jesus é o Cristo é o tipo de crença que não redundava em salvação.

Crer que Jesus é o Eterno, o mesmo ontem hoje e eternamente, é o tipo de crença para salvação, mas crer que Jesus é um anjo ou arcanjo, não redundava em salvação.

Confessar, admitir que Jesus é o Filho de Deus é o tipo de crença que redundava em salvação, mas crer que Jesus nasceu de Maria e José é o tipo de crença que não é conforme a verdade do evangelho, portanto, não redundava em salvação.

Crer que Jesus faz milagres, que é um dos profetas, o maior mestre que já existiu, que é o maior psicólogo, o homem mais bondoso que já passou pela terra, que resolve problemas mil, etc., não é o tipo de crença que redundava em salvação, antes é salvo aquele que crê que Jesus é o Filho de Deus que tem palavras de vida eterna **“Na verdade, na verdade vos digo que quem ouve a minha palavra, e crê naquele que me enviou, tem a vida eterna, e não entrará em condenação, mas passou da morte para a vida”** (Jo 5:24).

Os judeus tropeçaram na pedra de tropeço porque não reconheceram que Jesus era o filho de Davi, portanto, o Filho de Deus, o cerne da confissão cristã **“E Simão Pedro, respondendo, disse: Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo”** (Mt 16:16). Se admitisse que Jesus era o Filho que Deus prometeu a Davi, concomitantemente teriam que admitir, segundo as Escrituras que Jesus era o Filho de Deus (2Sm 7:13 -14; Sl 2:7). A confissão da irmã de Lázaro, Marta, estava em consonância com a declaração do apóstolo Pedro: **“Disse-lhe ela: Sim, Senhor, creio**

que tu és o Cristo, o Filho de Deus, que havia de vir ao mundo” (Jo 11:27).

A conversão do homem decorre da pregação da mensagem do evangelho, semelhante ao que se deu com os habitantes de Nínive que, ao ouvirem a mensagem do profeta Jonas, se converteram (Lc 11:32). A conversação não possui relação com o tipo de programa que o cristão assiste na televisão; com o traje do homem ou da mulher; com a aparência física; com o cabelo, se curto ou longo; com enfeites, brincos, perfumes, etc., antes a conversão está atrelada à confissão do evangelho.

Outro equívoco decorrente de uma má leitura das Escrituras é a ideia de que uma pessoa só pode crer verdadeiramente quando se ‘arrepender’ sentido pesar, remorso, tristeza pelos erros de condutas cometidos. Ora, ‘arrepender-se’ é o mesmo que crer na verdade do evangelho, pois o crer em Cristo para salvação só é possível quando o homem abandona (metanoia) os seus próprios conceitos quanto à salvação.

Por exemplo: Quando o evangelista Mateus narra a parábola dos dois filhos contada por Jesus aos fariseus, foi demonstrado que os publicanos e as meretrizes creram na mensagem de João Batista, mas os religiosos, apesar de ver tamanha maravilha, os pecadores crendo, não mudaram a concepção para crer na mensagem de João Batista “... **nem depois vos arrependestes para o crer**” (Mt 21:32).

Uma evidencia de que os fariseus não creram na palavra de João Batista é que eles não mudaram a confissão, pois apesar de ouvirem que o reino de Deus estava próximo, continuavam dizendo que eram descendentes de Abraão. Se houvessem arrependimento, deixariam de fazer alusão a Abraão e passariam a confessar que Jesus é o Cristo.

Os fariseus não se arrependeram (metanoia) porque não creram, e não creram porque não mudaram a concepção que aprenderam dos seus pais (não se arrependeram). É necessário cuidado para não confundir ‘metanoia’ (arrependimento) com a concepção católica da penitência derivada da indulgencia que ainda permeia o significado da palavra ‘arrependimento’.

Para ser salvo é necessário que o Espírito Santo convença o homem do pecado, da justiça e do juízo. O convencimento do pecado que o Espírito Santo promove não decorre de questões legalista, moralista ou formalista. O convencimento do

pecado que o Espírito Santo promove é conscientização segundo as Escrituras, de que :

- o homem é pecador por causa da desobediência de Adão; que a ofensa de Adão trouxe juízo sobre todos os homens para condenação.
- o juízo de Deus já foi estabelecido no Éden, trazendo condenação sobre todos os homens.
- a justiça de Deus é substituição de ato, a obediência de Cristo pela ofensa de Adão, e não por questões comportamentais.

As religiões buscam demonstrar que o homem é pecador através de questões morais e legais, mas a Bíblia demonstra que todos se tornaram pecadores por causa de uma única ofensa **“E, quando ele vier, convencerá o mundo do pecado, e da justiça e do juízo”** (Jo 16:8).

Quando se crê em Cristo, o homem passa da morte para vida. Quando se crê, o homem entra pela porta estreita. Quando se crê, o homem passa estar em Cristo, o caminho estreito que conduz o homem a Deus. Basta estar em Cristo que o homem passou a estar separado do pecado e unido a Deus.

O homem é salvo pelo evangelho, que é poder de Deus para salvação de todo que crê.

Quando dizemos que o homem é salvo pela fé, estamos dizendo que o homem é salvo por meio do evangelho, pois o evangelho é a fé que foi dada aos santos, pois foi manifesta na plenitude dos tempos (Jd 1:3 ; Gl 3:23).

O homem é salvo pela pregação da fé, que é dom de Deus. Quando o homem ouve o evangelho e crê, obedeceu a fé, o que lhe dá poder de ser feito filho de Deus (Jo 1:12). A crença (fé) genuína decorre da obra que Jesus realizou no Calvário (obediência) que redundou em sua ressurreição dentre os mortos.

Ser salvo é crer que Jesus morreu pelos pecadores para remi-los da condenação herdada de Adão.

Entretanto, milhares, sim, talvez milhões de religiosos, que são membros de igrejas, que dizem que invocam ao Senhor, ficarão chocados quando forem rejeitados por Deus. Por que? Porque alguns creem em Cristo ao seu modo, e não

conforme as Escrituras “E saiu Jesus, e os seus discípulos, para as aldeias de Cesaréia de Filipe; e no caminho perguntou aos seus discípulos, dizendo: Quem dizem os homens que eu sou? E eles responderam: João o Batista; e outros: Elias; mas outros: Um dos profetas” (Mc 8:27 -28). Outros porque não perseveraram crendo em Cristo conforme as Escrituras, antes se desvaneceram em seus próprios conceitos, rejeitando a verdade do evangelho “Não rejeiteis, pois, a vossa confiança, que tem grande e avultado galardão. Porque necessitais de paciência, para que, depois de haverdes feito a vontade de Deus, possais alcançar a promessa” (Hb 10:35 -36), pois a promessa de Cristo é específica aos que creem em seu nome: “E esta é a promessa que ele nos fez: a vida eterna” (1Jo 2:25); “A este dão testemunho todos os profetas, de que todos os que nele creem receberão o perdão dos pecados pelo seu nome” (At 10:43); “Mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, aos que creem no seu nome” (Jo 1:12).

Crer que Jesus é o Filho de Deus é suficiente para alcançar a salvação, porém, é necessário guardar esta confiança até o fim, pois esta é a admoestação do apóstolo Paulo “Pelo qual também sois salvos se o retiverdes tal como vo-lo tenho anunciado; se não é que crestes em vão” (1Co 15:2). Depois de ter feito a vontade de Deus, que é crer em Cristo, basta a perseverança até o fim para alcançar a promessa: a vida eterna!

O objetivo do evangelho e das Escrituras é que o homem creia que Jesus de Nazaré é o Cristo “Estes, porém, foram escritos para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome” (Jo 20:31).

A bem-aventurança pode ser segmentada?

Inúmeros religiosos dedicaram-se as causas sociais, mas não são participantes da bem-aventurança. Inúmeras freiras, padres, monges, rabinos, pastores

levantaram o estandarte dos fracos e oprimidos e são indignos de receberem o reino dos céus. Qual 'justiça' foi alvo do discurso de Jesus quando anunciou a bem-aventurança ao povo de Israel e aos seus discípulos? A bem-aventurança é proveniente das virtudes humanas ou é dom de Deus? O homem precisa ser 'digno' da bem-aventurança ou é Deus quem os justifica?

Segmentar - v.t. - Reduzir a segmentos: segmentou o tronco da árvore. Tirar o segmento de algo. / V. pr. Partir-se em segmentos, dividir-se, parcelar-se.

Qual 'justiça' foi alvo do discurso de Jesus quando anunciou a bem-aventurança ao povo de Israel e aos seus discípulos? A bem-aventurança é proveniente das virtudes humanas ou é dom de Deus? O homem precisa ser 'digno' da bem-aventurança ou é Deus quem os justifica?

Ao ler um artigo intitulado "Bem-aventuranças não alcançadas", não consegui esquivar-me desta análise. Assim diz o artigo:

"Percebo que não alcancei algumas virtudes; não me encaixo na bem-aventurança de Mateus 5.10 (...) Não posso me incluir nessa promessa porque nunca fiz vigília solitária nas calçadas dos hospitais públicos que desprezam o direito do pobre, nunca marchei pelos idosos ou me arrisquei por crianças abandonadas; não me amarrei a uma árvore para não permitir que ela fosse cortada pela gula da especulação imobiliária; não fiz greve de fome por nenhuma causa (...) Confesso. Ainda não me vejo digno da felicidade de receber o mesmo galardão dos profetas. Enquanto eles defenderam os órfãos e as viúvas, eu me contentei em pregar uma mensagem desencarnada. Por anos, falei do Céu para fugir das injustiças que me rodeavam; prometi salvação como forma de mitigar o sofrimento dos pobres..." Bem-aventuranças não alcançadas, Ricardo Gondim, [Revista Enfoque Gospel](#), Edição 55, Maturidade Cristã.

Lemos nas escrituras que Deus é um Deus de justiça e que os que nele esperam são bem-aventurados "Pois o Senhor é um Deus de justiça. Bem-aventurados todos os que nele esperam" (Is 30:18 b).

Confiar em Deus (esperar) é o único meio de o homem alcançar a bem-aventurança prometida. Assim sendo, Deus alerta o povo a esperar na justiça e

salvação providenciada por ele.

Deus aponta o seu próprio braço (destra), Jesus Cristo-homem (o braço do Senhor desnudado perante a humanidade), como justiça e salvação manifesta ao alcance de todos os homens “Perto está a minha justiça, vem saindo a minha salvação, e os meus braços julgarão os povos; as ilhas me aguardarão, e no meu braço esperarão” (Is 51:5).

Cristo foi manifesto aos homens na condição de servo do Senhor, oferta de bem-aventurança a todos os povos (judeus e gentios) “Eu, o SENHOR, te chamei em justiça, e te tomarei pela mão, e te guardarei, e te darei por aliança do povo, e para luz dos gentios” (Is 42:6).

A justiça de Deus manifesta em Cristo estabeleceu paz entre Deus e os homens. Deus preparou salvação poderosa a todos “E o efeito da justiça será paz, e a operação da justiça, repouso e segurança para sempre” (Is 32:17).

Deus chama todos os homens à sua justiça, pois todos andavam longe de Deus trilhando o caminho de perdição, longe da justiça “Ouvi-me, ó duros de coração, os que estais longe da justiça” (Is 46:12).

Os apóstolos compreenderam que Cristo é a justiça de Deus manifesta aos homens. Entenderam que a lei e os profetas anunciaram a Cristo, o sol nascente das alturas “Mas agora se manifestou sem a lei a justiça de Deus, tendo o testemunho da lei e dos profetas” (Rm 3:21).

Ora, sabemos que a missão de Jesus não foi a de promover a justiça dos homens, antes tornou patente aos homens à justiça de Deus “Assim diz o SENHOR: Guardai o juízo, e fazei justiça, porque a minha salvação está prestes a vir, e a minha justiça, para se manifestar” (Is 56:1).

Quando interpelado por alguém na multidão acerca da partilha de uma herdade, Jesus respondeu: “E disse-lhe um da multidão: Mestre, dize a meu irmão que reparta comigo a herança. Mas ele lhe disse: Homem, quem me pôs a mim por juiz ou repartidor entre vós?” (Lc 12:13 -14). A missão de Jesus não se vincula as questões judiciais.

Jesus veio conceder vida e vida em abundância (Jo 10:10). Ora, ele veio dar vida em abundancia para ricos e pobres, servos e livres, judeus e gregos, pois a vida

não consiste na abundância de bens (Lc 12:15).

Ao recomendar que Filemom recebesse de volta o seu escravo Onésimo, Paulo não levantou uma bandeira contra o regime de escravidão. Ele também não incita os cristãos que eram escravos a lutarem contra o sistema vigente à época “Foste chamado sendo servo? não te dê cuidado; e, se ainda podes ser livre, aproveita a ocasião” (1Co 7:21).

Por que Deus providenciou justiça aos homens? Porque a justiça dos homens é aquém da justiça de Deus. Porque a Bíblia classifica a justiça dos homens como sendo trapos de imundície “Mas todos nós somos como o imundo, e todas as nossas justiças como trapo da imundícia; e todos nós murchamos como a folha, e as nossas iniquidades como um vento nos arrebatam” (Is 64:6).

Isto por si só demonstra que, apesar dos homens instituírem tribunais e juízes sobre si, fazerem leis que norteiam os seus comportamentos, seguirem a moral e os bons costumes, serem redarguidos pela própria consciência e sabendo dar boas dádivas aos seus filhos, são maus diante de Deus (Mt 7:11 ; Mt 12:34).

Os profetas protestavam contra o povo de que não havia sequer um homem que clamasse por justiça (Is 59:4). Como? Nunca houve um injustiçado na história da humanidade que não tenha clamado por justiça? Ora, quando as calamidades sociais subverteram as sociedades do passado, nunca houve quem saísse às ruas para clamar pelo que é justo? Nunca houve dentre os homens alguém que tenha protestado veementemente em defesa da causa alheia?

Nunca houve na história da humanidade quem buscasse compreender e teorizar a respeito da justiça? Nunca houve quem buscasse organizar a sociedade através dos ideais de justiça em busca da felicidade coletiva?

Que se dirá das considerações gregas acerca da ‘polis’, que surgiu da ‘teia social’ estruturada na política e na organização sistemática do poder, como sendo o ‘locus’ da racionalidade e da felicidade humana?

A justiça da bem-aventurança deriva da concepção aristotélica: ‘virtude ética’, e nada mais? Jesus alguma vez demonstrou que o exercício da razão estabelece o que é justo e injusto? Quem praticar ‘atos justos’ é um homem bom diante de Deus? Basta alguém resignar-se a sofrer a injustiça do que praticá-la contra outrem que será um bem-aventurado?

Se não há homem justo sobre a terra, quem dentre os homens herdará o reino dos céus por ter sido perseguido por causa da justiça? (Ec 7:20 ; Mt 5:10).

Quais as virtudes humanas devem ser cultivadas para se alcançar a bem-aventurança? Para aqueles que querem alcançar a Deus através de suas obras, boas ações, esmolas, etc., Deus avisa: **“Eu publicarei a tua justiça, e as tuas obras, que não te aproveitarão”** (Is 57:12).

Mas, como Deus é Deus de justiça e aqueles que nele esperam são bem-aventurados, temos que a bem-aventurança prometida por Cristo não tem como ser segmentada. Ou o homem é bem-aventurado ou não é.

Os pobres de espírito e os que choram são as mesmas pessoas. Quando Jesus disse que o reino dos céus pertence aos pobres de espírito, os que choram também são os pobres de espírito. Quem recebe como herança o reino dos céus é porque foi consolado por Deus (Mt 5:3 -4).

Não há como ser ‘manso’ sem ter ‘sede e fome de justiça’. Não há como ‘herdar a terra’ sem antes estar ‘saciado de justiça’, pois os mansos herdarão uma terra onde habita a justiça **“Mas nós, segundo a sua promessa, aguardamos novos céus e nova terra, em que habita a justiça”** (2Pe 3:13 ; Mt 5:5 -6);).

Quem são os misericordiosos, senão aqueles que verão a Deus? Quem são chamados de ‘filhos de Deus’ senão aqueles que são perseguidos? (2Tm 3:12).

Ora, somente os pobres de espírito reconhecem as suas misérias e aceitam o convite para o banquete divino: **“Ó vós, todos os que tendes sede, vinde às águas, e os que não tendes dinheiro, vinde, comprai, e comei! Vinde, comprai, sem dinheiro e sem preço, vinho e leite”** (Is 55:1).

Quem se considera abastado por ter trabalhado (obra), e que tem recursos para a salvação, rejeita o pão da vida, rejeita o que é bom e que traz deleite para alma sedenta. Só o que é oferecido gratuitamente por Deus pode satisfazer o que Ele exige (Is 55:2).

Os pobres de espírito choram as suas misérias, mas são consolados mediante a justiça de Deus, que é Cristo. O resultado é descanso, repouso, paz e segurança! (Is 32:17).

Os mansos são aqueles que aceitaram o convite de Cristo **“Vinde a mim...”** (Mt

11:28), Aquele que é humilde e manso de coração (Mt 11:29). Ora, não basta ser humilde e manso na conduta, pois Moisés foi o homem mais manso da terra, porém, não entrou na terra prometida. Mas, os que vieram a Cristo, o Mestre por excelência, deles é a terra onde habita a justiça.

Quem come da carne e bebe do sangue de Cristo mata a fome e a sede de justiça (Jo 6:55). Aqueles que estão de posse da salvação são designados misericordiosos, puros de coração, pois através da palavra de Deus, a semente incorruptível, foi criado neles um novo coração puro e um espírito reto (Sl 51:10 ; Ef 4:24).

Os pacificadores também são chamados de filhos de Deus, uma vez que foi lhes confiado o evangelho da reconciliação que estabelece a paz entre Deus e os homens (2Co 5:19).

Bem-aventurados os que sofrem perseguição por causa da justiça. Embora sejam felizes por lhes pertencer o reino dos céus, sofrem perseguições, pois a Justiça de Deus revelada aos homens vaticinou: **“Tenho-vos dito isto, para que em mim tenhais paz; no mundo tereis aflições, mas tende bom ânimo, eu venci o mundo”** (Jo 16:33).

Cristo predisse as aflições para que os seus seguidores permanecessem descansados, pois bem-aventurados seriam quando fossem injuriados e perseguidos por causa do evangelho **“Basta ao discípulo ser como seu mestre, e ao servo como seu senhor. Se chamaram Belzebu ao pai de família, quanto mais aos seus domésticos?”** (Mt 10:25).

Ora, basta confiar no Senhor que o crente torna-se participante da bem-aventurança prometida. O que Jesus prometeu e concede aos seus não é conforme as coisas deste mundo. Primeiro porque não somos deste mundo e o mundo nos odeia (Jo 15:18). Segundo, a paz de Deus não é conforme a paz do mundo, e Cristo mesmo disse que não a concede do mesmo modo que o mundo a dá (Jo 14:27).

A promessa de bem-aventurança foi feita antes dos tempos dos séculos, e todas as promessas de Deus cumprem-se em Cristo **“Porque todas quantas promessas há de Deus, são nele sim, e por ele o Amém, para glória de Deus por nós”** (2Co 1:20).

Jesus alertou: **“Porque os pobres sempre os tendes convosco, mas a mim nem**

sempre me tendes” (Jo 12:8). Este alerta demonstra que Jesus não veio apregoar um evangelho de cunho social. Ele não veio trazer uma revolução sócio-econômica. Ele não veio falar contra as injustiças sociais e nem contra o modelo social adotado pelos homens.

Ora, seria um contra-senso Cristo lutar contra o governo constituído à época, se todo poder dado aos homens foi concedido por Deus “Respondeu Jesus: Nenhum poder terias contra mim, se de cima não te fosse dado; mas aquele que me entregou a ti maior pecado tem” (Jo 19:11).

Jesus é claro: “Porque qualquer que quiser salvar a sua vida, perdê-la-á, mas, qualquer que perder a sua vida por amor de mim e do evangelho, esse a salvará” (Mc 8:35), ele não deu esperança com relação a este mundo, pois o seu reino não é deste mundo “Respondeu Jesus: O meu reino não é deste mundo; se o meu reino fosse deste mundo, pelejariam os meus servos, para que eu não fosse entregue aos judeus; mas agora o meu reino não é daqui” (Jo18:36).

Enquanto os gregos tinham na sabedoria o meio de estabelecer alegria na ‘polis’, Cristo promete a bem-aventurança no seu reino através da loucura da pregação. Enquanto os judeus criam que teriam pão e um reino aqui, Jesus apresentou o escândalo da cruz, dando a sua carne a comer e o seu sangue a beber.

Ora, Jesus não trouxe paz, mas espada! Ou seja, ele trouxe justiça através da sua morte. Para o velho homem gerado em Adão resta a morte (espada) para que na nova criatura seja estabelecida a justiça de Deus (Mt 10:34).

A espada representa morte e justiça. Como o salário do pecado é a morte, e somente a morte livra o escravo do pecado de seu senhor, aquele que toma a sua própria cruz e segue após Cristo, é morto sepultado e ressurge uma nova criatura, onde se estabelece a justiça de Deus.

Que bem o homem fará para alcançar a bem-aventurança? Agarrar-se às suas virtudes? Ser religioso? Virar um mártir? Levantar uma bandeira ideológica? Doar todos os bens? Dar o seu próprio corpo a ser queimado?

Eliú disse bem: “Se és justo, que dás, ou que recebe Ele das suas mãos? A tua impiedade fará mal apenas a outro homem como tu, e a tua justiça só aproveitará aos filhos dos homens” (Jó 35:7 -8; Jó 41:11).

É possível a quem espera no Senhor não ter a graça da bem-aventurança prometida? Quem espera no Senhor precisa de suas virtudes para alcançar a alegria da salvação? Como pode um soldado alistado para a guerra se embarçar com negócios desta vida? (2Tm 2:4).

Ora, é válido a um cristão ser um cidadão ativo em sua comunidade, porém, não pode excluir-se da graça de Deus por causa de questões humanas e sociais. Não somos nós que nos incluimos nas promessas de Deus, antes, Ele as prometeu antes dos tempos dos séculos “[Em esperança da vida eterna, a qual Deus, que não pode mentir, prometeu antes dos tempos dos séculos](#)” (Tt 1:2).

A bem-aventurança não é por obra para que ninguém se glorie, portanto não é fazendo boas ações aos pobres, crianças e velhos que se alcança a alegria prometida. A bem-aventurança prometida é concedida aos homens através da virtude daquele que chama, e não daquele que é chamado (2Pe 1:3).

A bem-aventurança não é alcançada através de reivindicação, mas por fé, a fé que foi concedida aos santos (Jd 1:3). Como reivindicar o que Deus nos oferece gratuitamente? Quem tiver fome e sede que venha comprar sem dinheiro e sem preço vinho e leite. Quem trabalha (obra) gastando os seus recursos (dinheiro) com o que não pode satisfazer, não verá a Deus.

Inúmeros religiosos dedicaram-se as causas sociais, mas não são participantes da bem-aventurança. Inúmeras freiras, padres, monges, rabinos, pastores levantaram o estandarte dos fracos e oprimidos e são indignos de receberem o reino dos céus.

A teologia da libertação não é o evangelho de Cristo, pois o evangelho é poder de Deus. Não é uma ideologia, um segmento político, a bandeira dos necessitados de bens materiais, etc. A concepção de que Deus está nos pobres, nos miseráveis, nos mendigos, nos desassistidos, etc., não é conforme o evangelho de Cristo.

Ao anunciar o evangelho, Jesus ocupou-se com os pobres de espírito, e não dos pobres desprovidos de bens materiais. Há pobres de espírito que são ricos e pobres de espírito que são paupérrimos, homens e mulheres, grandes e pequenos, pois todos quantos o receberem receberão poder para serem feitos (criados) filhos de Deus, com direito a bem-aventurança prometida.

Há ricos e pobres neste mundo que rejeitam a graça de Deus por considerarem

que estão abastados espiritualmente. Este foi o caso dos judeus, tanto pobres quanto ricos financeiramente, acharam que já eram bem-aventurados por serem descendentes de Abraão.

Porém, a igreja de Deus, o corpo de Cristo é constituído de judeus, gregos, servos, livres, macho, fêmea, pobres, ricos, pois todos são um em Cristo (Gl 3:28).

Outros, por serem membros ou simpatizantes dos zelotes, seita e partido político judaico militar e revolucionário, pensavam estar conquistando a bem-aventurança prometida quando pegavam em armas. Eles pensavam que já estavam abastados espiritualmente, pois eram perseguidos pelos romanos por causa da pretensa causa justa.

Que dizer dos Macabeus? Judas Macabeu foi bem-aventurado por causa da sua resignação e força? É possível alcançar a bem-aventurança proposta quando se esquece da determinação divina: não por força nem por violência, mas pelo meu Espírito!?

Paulo reitera a condição dos que creem em Cristo: *“Todos vós sois filhos de Deus pela fé em Cristo”* (Gl 3:26). João alerta: *“E somos mesmo seus filhos!”* (1Jo 3:1 b). Os cristãos são casas espirituais, templo e morada de Deus *“Se pelo nome de Cristo sois vituperados, bem-aventurados sois, porque sobre vós repousa o Espírito da glória e de Deus; quanto a eles, é ele, sim, blasfemado, mas quanto a vós, é glorificado”* (1Pe 4:14).

Ora, como cristão é dado padecer ou não por amor a justiça. Pedro alerta: *“Se padecerdes...”*, ou seja, padecer não é condição essencial a bem-aventurança, e sim, um de seus aspectos neste mundo *“Mas também, se padecerdes por amor da justiça, sois bem-aventurados. E não temais com medo deles, nem vos turbeis”* (1Pe 3:14).

É fato que tivemos grandes líderes humanitários ao longo da história da humanidade. Devemos a estes homens inúmeras conquistas nas áreas trabalhistas, sociais, direitos humanos, racial, étnico, liberdade de culto, expressão, etc. Cada um tem seus méritos e virtudes, e se tentarmos enumerar, seremos injustos com muitos, pois não é possível listar todos os grandes homens.

Contudo, quando falamos da bem-aventurança prometida por Deus antes dos tempos eternos, não é a dignidade, a humildade, a resignação, a bondade, etc.,

que fará do homem imbuído destes valores um dos filhos de Deus (bem-aventurados).

Devemos separar as questões acerca da perseguição por causa do evangelho, e as perseguições por causa de questões institucionais, ideológicas, religiosas e sociais. Enquanto esta surge quando nos intrometemos em questões alheias ou defendemos o que nos é de direito, aquela só ocorre quando se anuncia o evangelho que é poder para os que se salvam e escândalo e loucura para os que perecem.

Que bem-aventurança foi destinada aos profetas do passado, se o menor do reino de Deus é maior que João Batista? “Em verdade vos digo que, entre os que de mulher têm nascido, não apareceu alguém maior do que João o Batista; mas aquele que é o menor no reino dos céus é maior do que ele” (Mt 11:11).

Não podemos transtornar a mensagem da cruz, uma vez que é através da loucura da pregação que se alcança a bem-aventurança “Visto como na sabedoria de Deus o mundo não conheceu a Deus pela sua sabedoria, aprouve a Deus salvar os crentes pela loucura da pregação” (1Co 1:21). Não podemos introduzir questões humanas na mensagem do evangelho, pois surgirá um outro evangelho inócuo para promover a bem-aventurança prometida. Se excluirmos o escândalo e a loucura da pregação, não haverá salvação.

Ora, se alguém ensinar outra doutrina que não se conforma com as sãs palavras de Cristo, doutrina que é segundo o amor de Deus, não guarda o mandamento de Cristo imaculado e irrepreensível (1Tm 6:3 e 14). Acabará corrupto de entendimento e privado da verdade! (1Tm 3:8).

A verdade do evangelho demonstra que é impossível ser um dos filhos de Deus e não ser bem-aventurado. A bem-aventurança não pode ser segmentada!